

**SINODALIDADE: SER, AGIR E CAMINHAR DA IGREJA COMO
POVO DE DEUS À LUZ DA PALAVRA
SYNODALITY: BEING, ACTING AND WALKING IN THE
CHURCH AS
PEOPLE OF GOD IN THE LIGHT OF THE WORD**

Shigeyuki Nakanose*
Maria Antônia Marques*

RECEBIDO: 26/04/2022

APROVADO: 22/05/2022

DOI: 10.56316/espacos.v30i1.858

Resumo: Sinodalidade representa o caminho por meio do qual a Igreja pode ser renovada pela ação do Espírito Santo, ouvindo junto o que Deus deve dizer ao seu povo. O próximo sínodo é mais uma oportunidade para que a Igreja oriente e promova, à luz da Palavra de Deus contextualizada, a igualdade, a justiça e a fraternidade, vendo, escutando, sentindo, discutindo e denunciando a realidade dos corpos esmagados das pessoas e da natureza.
Palavras-chave: Igreja sinodal, Caminho, Palavra, Justiça, Igualdade, Fraternidade.

Abstract: Synodality represents the way through which the Church can be renewed by the action of the Holy Spirit, listening together to what God must say to his people. The next synod is another opportunity for the Church to guide and promote, in the light of the contextualized Word of God, equality, justice and fraternity, seeing, listening, feeling, discussing and denouncing the reality of the crushed bodies of people and nature.

Keywords: Synodal Church, way, word, justice, equality, fraternity.

* Membro da Congregação do Verbo Divino, possui mestrado em Teologia Dogmática, com concentração em estudos bíblicos, pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção (1987) e doutorado pelo New York Theological Seminary (1991). Atualmente é professor no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), diretor e assessor do Centro Bíblico Verbo.

* Licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), graduada em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), mestra e doutora em Ciências da Religião (2002 e 2008), com concentração em estudos bíblicos, pela Faculdade Metodista de São Paulo (UMESP); atualmente é professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP) e assessora do Centro Bíblico Verbo. E-mail: ma.antoniabv@yahoo.com.br.

Introdução

O mundo, em que vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio (FRANCISCO, 2015).

Nos dias 9 e 10 de outubro de 2021, o papa Francisco abriu o movimento de consulta e preparação para o Sínodo dos Bispos, intitulado “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, que é marcado para acontecer em outubro de 2023 no Vaticano. Durante a preparação do Sínodo, Francisco quer que os católicos sejam ouvidos sobre o futuro da Igreja através de consulta com comunidades locais (as igrejas particulares, com os seus vários organismos de comunhão), em uma primeira fase, assembleias regionais (as províncias eclesiásticas e as conferências episcopais), no estágio seguinte e, por fim, o Sínodo dos Bispos (a Igreja universal).

O maior movimento de consulta pública na história da Igreja Católica pretende que os fiéis católicos tenham o direito e a chance, em alguma parte do processo, de ser consultados em nome da sinodalidade. A palavra sínodo vem da junção de dois termos gregos, “syn” (juntos) e “hodós” (caminho) e quer dizer “estar a caminho” ou “caminhar juntos”. Sinodalidade, portanto, é caminho de comunhão, participação e missão, para discutir sobre a maneira de ser, agir e caminhar da Igreja, à luz da caminhada do povo de Deus, manifestada na Sagrada Escritura, sobretudo na prática e na palavra de Jesus de Nazaré, “Caminho” (Jo 14,6), e dos seguidores e seguidoras do “Caminho” (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22; cf. *VADEMECUM*, n. 1.2).

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.78-102.

A Palavra de Deus, que se manifesta na caminhada do povo de Deus (*Dei Verbum*, cap. IV), é uma das luzes “essenciais” que ilumina e ajuda a Igreja Povo de Deus (*Lumen Gentium*, n. 9-17) a viver a comunhão, a realizar a participação e a abrir-se à missão, pela construção do Reino do Deus da Vida. Nos textos registrados na Bíblia, observa-se que o Deus da Vida escuta, liberta e caminha com os “pequenos” (Lc 10,21-22), o povo oprimido, ao longo da história: “Porque ele não desprezou a aflição do pobre, nem escondeu dele a sua face. Quando o pobre pediu auxílio, ele escutou” (Sl 22,25: cf. Ex 3,7-10; Mc 15,34); “Javé é o meu pastor, nada me faltará. (...) Ainda que eu caminhe por um vale tenebroso, não temerei mal nenhum, porque tu estás junto a mim; teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo” (Sl 23,1.4).

Sendo assim, a Palavra de Deus, que é poder de Deus para a salvação de todas as pessoas crentes (*Dei Verbum*, n. 17; cf. Rm 1,16), é a luz importante dos cristãos, e quanto mais a conhecemos, mais dela nos alimentamos e vivemos na justiça, liberdade e fraternidade, para que todos tenham a vida em plenitude (cf. 2Tm 3,16-17). Entretanto, dependendo da leitura praticada, a Bíblia pode se tornar a fonte de vida ou de morte. A leitura fundamentalista de vários textos bíblicos é um desserviço à Igreja missionária. Um dos exemplos é Js 6, o chamado “Cercos de Jericó” (cf. NAKANOSE; MARQUES, 2022, pp. 93-116):

O povo ergueu o forte grito de guerra e as trombetas foram tocadas. No momento em que o povo escutou o som das trombetas, deu um grande grito, a muralha desmoronou e o povo subiu para a cidade, cada um de seu lugar, e tomaram a cidade. E julgaram condenando ao anátema tudo o que existe dentro da cidade, passando ao fio da espada homens e mulheres, jovens e velhos, bois, animais pequenos e jumentos (Js 6,20-21).

A primeira redação do livro de Josué, que pertence à “historiografia deuteronomista” (Js, Jz, 1 e 2 Sm, 1 e 2Rs), começou a ser redigida, por volta de ano 620 a.C., pelos escribas do rei Josias, motivados para propagar os planos de guerra da corte: integrar o reino de Judá (Sul) e o antigo reino de Israel Norte num reino unido de Davi, em torno do Deus Javé e sob o comando de Josias, descendente da casa davídica (2Rs 22-23). Assim, a conquista de Jericó em Js 6, principal cidade do antigo reino de Israel Norte, é descrita como “guerra santa” com a intervenção miraculosa de Javé, a divindade do Estado de Josias.

Após o exílio, a história da conquista de Jericó foi relida, revista e ampliada pelos teocratas, como comissários do império persa (Esd 1-7), que reconstruíram e fortaleceram o sistema do Templo com Javé, Deus único, a teologia da retribuição, a lei da pureza, sacrifícios, festas, oferta dos produtos da terra para Deus Javé etc. (cf, Lv 1-7; 11-16). Esses eram os principais meios de arrecadação de tributos, para o enriquecimento da teocracia de Jerusalém e para corresponder às exigências do império persa (Ml 1,6-3,21; Is 66,1-4; Ex 25,1-9; Esd 7,25-26), provocando o sofrimento do povo (cf. Is 58,1-12; 66,1-4; Jó 24; Sl 73). Nessa redação dos teocratas, a guerra santa de Javé ganha mais atrocidade, inclusive o relato do extermínio da população local e da consagração das riquezas materiais ao culto no tesouro do Senhor.

Historicamente, as guerras de conquista em nome do Deus poderoso e castigador, narradas em Js, haviam alimentado e propagado as guerras santas dos poderosos “cristãos” contra os “gentios”. Ainda hoje a leitura fundamentalista transforma o “Cercos de Jericó” em uma batalha espiritual contra as forças malignas, alimentando os cristãos com o fanatismo

religioso desconectado da missão cristã da vida e da justiça. E isto vai na contramão de “uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”.

A Bíblia é uma colcha de retalhos costurada com tecidos de diferentes grupos e períodos (cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p.5-24). Alguns têm as cores das lutas dos pequenos pela vida; outros, as cores dos poderosos da monarquia ou da teocracia. Como os seguidores e as seguidoras de Jesus de Nazaré, crucificado pelo império romano junto com o sinédrio da autoridade judaica, somos chamados a ler o texto bíblico no seu contexto sócio histórico no qual o Deus da vida se manifesta e seu Espírito anima e guia o povo de Deus (*Dei Verbum*, n. 12).

Mais do que nunca, na realidade atual de turbulência – ampliação da pobreza, da desigualdade social, violência exacerbada contra o corpo da pessoa e da natureza –, faz-se necessário e fundamental praticar a leitura contextualizada da Bíblia e aprender com o ser, o agir e o caminhar dos pequenos que formaram vários movimentos de comunhão, participação e missão, ao longo da história do povo de Deus. É um caminho bíblico e consciente para realizar a meta: “Sinodalidade representa o caminho pelo qual a Igreja pode ser renovada pela ação do Espírito Santo, ouvindo junto o que Deus deve dizer ao seu povo”. (*Vandemecum*, n. 1.1).

1. Movimento profético no tempo da monarquia

Miqueias, que viveu como camponês em uma pequena vila, Morastigat, em fins do sec. VIII a.C., denunciou os governantes avarentos e corruptos que estavam roubando e acumulando a terra, deixando os homens, as mulheres e as crianças do campo sem “herança” (casa, terra, animais), sem lar, sem roupa e sem vida (Mq 2,1-2.8-9; 3,1-3). A cobiça e

o roubo de terras, justificados pelos profetas da corte, que atuavam em nome do Deus Javé do Estado (Mq 2,6-7), eram praticados pelo grupo do poder, os construtores de Jerusalém e seus aliados fazendeiros. Com a política militarista e expansionista do rei Ezequias, os governantes necessitavam de mais terras e produtos para o comércio, exportação e lucro (2Rs 18,1-8; Mq 3,9-10).

Diante das injustiças sociais e religiosas, Miqueias anuncia suas profecias, semelhantes às de Amós e de Oseias. Nelas, exprimem-se o ser e o agir do verdadeiro profeta de Javé dos pequenos (cf. NAKANOSE; MARQUES, 2016, pp.11-76):

- a) *Ver, escutar, sentir a realidade sofrida do povo*: “Escutem bem, chefes de Jacó, governantes da casa de Israel! Por acaso, não é obrigação de vocês conhecer o direito? Inimigos do bem e amantes do mal, vocês arrancam a pele das pessoas e a carne de seus ossos. Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido, no caldeirão” (Mq 3,1-1-3). Ser profeta é ter capacidade de cultivar um olhar atento e consciente para situações em que o povo está sofrendo.
- b) *Denunciar a injustiça*: “Ouçam isto, chefes da casa de Jacó. Prestem atenção, governantes de Israel, vocês que têm horror ao direito e entortam tudo o que é reto, que constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade. Os chefes de vocês proferem sentença a troca de suborno. Seus sacerdotes ensinam a troca de lucro e seus profetas dão oráculos por dinheiro. E ainda ousam apoiar-se em Javé, dizendo: ‘Por acaso, Javé não está no meio de nós? Nada de mau nos poderá acontecer!’” (Mq 3,9-11). Denunciar é um ponto de partida

para propor mudanças na sociedade para promover a justiça e dignidade dos oprimidos na perspectiva do Reino da Vida.

Ver, escutar, sentir, denunciar a realidade injusta e desumana é a missão profética dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (Mc 12,15-19). É um ponto de partida para a Sinodalidade.

2. Movimento do “Servo Sofredor” no exílio

Em 589 a.C., Sedecias, o último rei de Judá, rebelou-se contra a Babilônia. O imperador Nabucodonosor sitiou Jerusalém e, um ano e meio depois, entrou na cidade. Dessa vez, a ação militar do Império foi uma catástrofe: a cidade foi destruída e o Templo saqueado, profanado e incendiado. O imperador não teve nenhuma compaixão com as autoridades e os habitantes de Jerusalém. A família real e seus partidários notáveis foram aniquilados. O grupo de funcionários públicos do templo como levitas, trabalhadores civis, pequenos comerciantes, artesãos e agricultores foram levados como prisioneiros para o exílio (cf. 2Rs 25,1-21). Foi a segunda deportação.

Esse segundo grupo não teve a mesma sorte dos primeiros deportados notáveis do rei Joaquin (597 a.C: cf. 2Rs 25,27-30), mas foi tratado como escravo e despojo de guerra (Is 42,22). A Babilônia “não teve compaixão dele, e colocou um jugo pesado nos ombros dos anciãos” (Is 47,6). “Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram. Estão com a língua seca de sede” (Is 41,17). Os deportados estavam cansados e enfraquecidos sem esperança no futuro (Is 40,29). Vida de prisioneiros semi-escravos! Nesse fundo do poço da vida sofrida, o grupo do Segundo Isaías (Is 40-55) começa a criar consciência da necessidade de

uma missão que nasça do amor solidário e do compromisso com os pequenos e que atue na perspectiva contrária dos poderosos:

- a) *O servo é chamado para o serviço da justiça* (Is 42,1-9): “Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma, e o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações, para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro” (Is 42,6-7). O servo, que representa o povo exilado (Is 42,1; 43,20; 45,4), é chamado, enviado e guiado pelo espírito de Javé (Is 41,1). Na missão de promover a fidelidade e o direito entre as nações, ele não usará força nem violência (Is 42,2-3), mas praticará o amor, a ternura e a solidariedade com as pessoas empobrecidas e enfraquecidas (cf. Lc 6,20-23; 1Jo 1,7-2,2).
- b) *O servo assume a missão profética pela salvação de todos* (Is 49,1-9a): “Ele fez da minha língua uma espada afiada e me escondeu com a sombra de sua mão. É muito pouco você se tornar meu servo, só para reerguer as tribos de Jacó, só para trazer de volta os sobreviventes de Israel. Faço de você uma luz para as nações, para que minha salvação chegue até os confins da terra” (Is 49,2.6). O servo toma consciência de sua missão profética e se apresenta como o escolhido de Javé desde o ventre materno (Is 49,1). A missão do servo é anunciar a Palavra, reunir e organizar o movimento da libertação, implicando inclusive na justa distribuição da terra (Is 49,8-9a). A missão ultrapassa a fronteira: ele é chamado para ser “luz para as nações” para reunir os dispersos, os desprezados pelas nações e os escravos dos poderosos (Is 49,6-7; cf. Mc 7,24-30).

- c) *O servo é perseguido e sofre, mas resiste* (Is 50,4-9): “Entreguei minhas costas para aqueles que me queriam bater e ofereci minha face aos que me queriam arrancar a barba. Não escondi meu rosto dos insultos e escarros. O Senhor Javé vem em meu auxílio. Por isso não me sinto humilhado. Endureço meu rosto como pedra, porque sei que não vou me sentir envergonhado” (Is 50,6-7). A missão do servo, que anuncia a Palavra de Javé e encoraja os fracos e desanimados (Is 50,4), é marcada pela perseguição: humilhação, violência, dor. Porém, o servo não lamenta nem exige vingança. Acreditando no auxílio de Javé, ele resiste. Aqui se atesta que o sofrimento do servo é consequência da sua prática da justiça e da solidariedade com os oprimidos (cf. Mc 8,31-38).
- d) *O servo, “vítima expiatória” pelo amor ao próximo até o fim* (Is 52,13-53,12). “Se ele entrega sua vida em reparação pelos pecados, então conhecerá seus descendentes, prolongará sua existência, e o projeto de Javé triunfará por meio dele” (Is 53,10). A missão de promover o direito e a justiça gera perseguição e violência para o servo. A dor e o sofrimento são tão grandes que o massacram e desfiguram a sua aparência: ele não parece mais gente (52,14). Mas, o servo resiste e dá até sua vida em prol da libertação. E sua paixão e morte inocente servirão para levar os demais à justiça e à libertação (Is 53,11-13).

Ao afirmar que “se ele entregar sua vida em reparação pelos pecados” (Is 53,10b), o redator apresenta a teologia da gratuidade, do amor e da doação, criticando a teologia da retribuição e a imagem do Deus castigador (cf. Lv 11-14; Dt 28). Ao mesmo tempo, ele afirma que o

sofrimento do povo na realidade não é castigo de Deus por causa do pecado, mas é fruto da injustiça e da opressão que desfiguram as pessoas: “não parecia mais gente” (Is 52,14). É necessário devolver a verdadeira justiça e vida a muitos (Is 53,11). É a missão do servo e a de todos nós. O sofrimento e a morte do servo são consequências de sua missão, tal como será a morte de Jesus Cristo (1Jo 1,5-2,2), “caminho”, que ilumina o ser, o agir e o caminhar dos cristãos na Sinodalidade.

3. Movimento profético e sapiencial no período persa

Após a destruição da monarquia e o período exílico, foi estabelecida a teocracia com os interesses do império persa na Judeia. Não há mais os reis opressores, mas agora os teocratas, que continuam explorando e devorando o povo com o poder centralizado no Templo de Javé, o Deus único do Estado, que não escuta o grito dos pobres impuros (Jó 24,1-12). Entretanto, os pequenos resistem e lutam pela vida:

- a) Deus padrinho no meio do povo: “Eu sei que o meu protetor (*go’el*, redentor, defensor, padrinho) está vivo e que no fim se levantará sobre o pó. E ainda que tenham cortado minha pele, na minha carne eu verei a Deus! Então eu mesmo o verei! Meus olhos poderão vê-lo, e não um estranho. Meus rins se consomem dentro de mim” (Jó 19,25-27). Jó, representante dos pobres impuros (Jó 24), invoca Deus redentor e protetor, descrito como o *go’el*, parente próximo, que escuta e liberta os hebreus do Egito (Sl 106,10), resgata os exilados (Is 41,14), socorre os pobres (Rt 2,20) e está no meio do povo (Jó 42,1-6).

- b) Denúncia contra o ritualismo e legalismo: “Por acaso o jejum que eu escolhi não é este: romper as amarras da injustiça, desfazer as correntes da canga, pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar qualquer canga? Por acaso não é repartir seu pão com quem passa fome, hospedar em casa os pobres sem abrigo, vestir aquele que se encontram nu, e não se fechar diante daquele que é sua própria carne?” (Is 58,6-7). O Terceiro Isaías (Is 56-66) no período persa, denuncia o ritualismo e o abuso dos cultos no Templo em nome de Javé oficial da teocracia, e exorta a prática da justiça como o culto agradável a Javé popular, o Deus da vida.
- c) Missão a serviço da liberdade: “Ele me enviou para dar a boa nova aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos” (Is 61,1b). O princípio da missão do povo deve estar a serviço da justiça do Deus da vida, construindo “Novos céus e nova terra” onde todos tenham a vida (cf. Is 65,17-25; Ap 21,1).

A religião dos teocratas, com a imagem do Deus poderoso e castigador, a teologia da retribuição, a lei da pureza (legalismo) e o ritualismo, perpassam a história, consolidam-se e chegam ao tempo de Jesus e até hoje. É a religião fundamentalista que afeta a comunhão eclesial e se distancia da Igreja servidora, amiga dos pobres, dos aflitos.

4. Movimento sapiencial no período grego

Diante do avanço da helenização (a busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra) dos poderosos gregos (Sb 2), que provoca a exploração do trabalho, escravização, problemas sociais, guerras,

destruição, morte etc. (Ecl 4,1-3), os pequenos se reúnem, resistem e lutam pela vida.

- a) Estar na solidariedade e união: “É melhor dois juntos do que alguém sozinho, porque melhor será o resultado do que fazem. Se um cair, seu companheiro o levantará. Um sozinho é derrotado, mas dois juntos vão resistir. A corda tríplice não arrebenta tão fácil” (Ecl 4,9-10.12). A força dos pequenos está na solidariedade e união. Nelas, o povo descobre que tem meios para fazer frente à situação injusta e opressora, provocada pela política da helenização.
- b) Acreditar no Deus da vida: “Não busquem a morte no erro da vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que praticam, pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. As criaturas do mundo são sadias, e nelas não há veneno de ruína. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal!” (Sb 1,12-15). Deus criou todas as coisas para a vida: terra, plantas, animais, seres humanos... Por seu próprio ciclo natural, tudo nasce, cresce e morre. Cumpre sua existência física na gratuidade de Deus. Mas há a morte antecipada pela maldade e injustiça praticada pelos poderosos (NAKANOSE; MARQUES, 2018, pp.11-40). Acreditando no Deus da vida, os pequenos devem praticar a justiça, promovendo o projeto do Deus da vida, superando assim a morte: “A vida se encontra no caminho da justiça, em cuja direção não existe a morte (Pr 12,28).

Mais tarde, a helenização, que explora e elimina os pobres, fracos, justos (Sb 2,10-20), promove e alimenta o império romano com seus colaboradores, como herodianos e saduceus, no qual Jesus de Nazaré

assume o movimento profético e sapiencial do seu povo de Israel. Ele “se reúne e caminha junto” com os “pequenos” sofridos de ontem e hoje, em prol da vida: o protótipo da Sinodalidade (Mc 1,32-39; 6,30-44).

5. Movimento de Jesus de Nazaré

Jesus cresceu e viveu na aldeia de Nazaré, e passou a maior parte de sua vida na Galileia (Jo 7,40-42). Era uma região de terra fértil para a agricultura e de rica pesca. Mas o povo das aldeias e dos vilarejos da Galileia sofria com exploração, opressão e violência do poder civil e religioso: com a presença do exército romano, a tirania e a brutalidade de Herodes e seus filhos (herodianos); com o aumento de latifúndios e a implantação das cidades próspera (Decápolis); com tributo e comércio abusivo; com a extorsão e ladroenras dos líderes religiosos de Jerusalém (Mc 11,17: cf. FLÁVIO JOSEFO *apud* CROSSAN; REED, 2007, p. 235). Fome, miséria e doenças eram realidades constantes. Era comum presenciar famílias inteiras sendo vendidas como escravos por causa de dívida (tributo civil e religioso etc.). Nesse caldeirão de sofrimento dos “endemoninhados” (Mc 1,33), o movimento de Jesus junto com os pequenos (Lc 10,21) nasceu, cresceu e anunciou os ditos proféticos e sapienciais de orientação e de exortação à luta pela sobrevivência, presentes na Fonte Q, também chamado de “Evangelho da Galileia”:

- a) Felizes os pobres: “Elevando os olhos para seus discípulos, Jesus dizia: ‘Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus, Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque hão de sorrir’” (Lc 6,20-21). As bem-aventuranças aos pobres não significam a exaltação de sua

condição precária e sofrida, mas, sim, contradizem os critérios que vigem no mundo: a libertação pelo desapego dos bens, contrariando o movimento da helenização que serve ao “dinheiro” (Lc 16,13). Ao mesmo tempo, a afirmação “Felizes os pobres” revela que a pertença ao Reino de Deus não está restrita aos “puros” da lei da pureza, propondo a abertura e a solidariedade aos “impuros” (pobres, doentes, mulheres, estrangeiros etc.).

- b) Perdoamos aos nossos devedores: “Pai, santificado seja teu nome; venha teu Reino; o pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia; perdoamos os nossos pecados, pois nós também perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixeis cair na tentação” (Lc 10,2-4). O amor ao próximo não é uma ideia, nem mero discurso: é um modo concreto de viver a gratuidade e a partilha (Lc 12,27-28). Na realidade dos camponeses, uma das causas de endividamento é o empréstimo com juros abusivos, sobretudo para o pagamento de impostos. Ao contrário da economia do lucro, o dito sapiencial de Jesus propõe a economia da partilha e da solidariedade, seguindo a tradição sagrada do povo de Israel (Is 55,1-2; Dt 23,20-21; 24,14-15).
- c) Amem seus inimigos: “Amem seus inimigos, façam o bem a quem odeia vocês. Falem bem de quem fala mal de vocês. Rezem por aqueles que os caluniam. Quando alguém lhe bater numa face, ofereça também a outra” (Lc 6,28). A justiça de Deus é amar gratuitamente até os inimigos sem esperar em troca de nada, quebrando a relação de interesse que gera lucro e poder (Lc 6,27-35). Agir gratuitamente para com todos é um dever de quem é fiel ao

Deus Pai de amor gratuito (Lc 6,36-39). Só assim é possível superar o mal que aflige o mundo.

- d) O Reino de Deus: “Jesus dizia: ‘A que é semelhante o Reino de Deus? Com o que eu poderia compará-lo? Ele é como uma semente de mostarda que um homem pegou e lançou em sua horta. Ela cresce, torna-se árvore e as aves do céu fazem ninhos em seus ramos’” (Lc 13,18-19). A imagem de um grão de mostarda traduz algo pequeno e insignificante, mas que tem uma força transformadora. A presença do Reino de Deus, assim, não deve ser um poder ostensivo, glorioso e excludente, mas, sim, se faz de modo inexpressível e oculto entre os pequenos e humildes, com a prática da justiça, do amor, da fraternidade, ainda com muita esperança e paciência histórica.

Ontem e hoje, persiste a realidade dos pequenos que são explorados e esmagados pelo poder centralizador e conquistador em benefício de uma minoria gananciosa e privilegiada. Na realidade injusta e desumana, os ditos e a vida de Jesus de Nazaré devem ser reavivados por seus seguidores e seguidoras para formar a Igreja da comunhão e participação. É uma “Igreja em saída” que caminha para o coração do mundo dos homens e mulheres de hoje (cf. *Gaudium et Spes* n. 1).

6. O evangelho de Jesus Cristo aos gentios

Paulo converte o “escândalo da cruz” em seu ensinamento central (1Cor 1,23-29; 1Ts 5,9-10; Fl 3,17-18), desenvolvendo sua fé e missão na linha do “Servo Sofredor”: o projeto da justiça e do direito para toda a terra (Is 42,1-9). Leva o evangelho de Jesus Cristo, Messias crucificado, como a

fonte da graça e da bênção de Deus para os gentios na Galácia, Macedônia e Grécia (NAKANOSE; MARQUES, 2021, pp. 11-26).

Ao anunciar e prometer bênção (Boa Nova) de Jesus Cristo crucificado, Paulo enfrenta oposições, como o evangelho do Imperador a serviço dos interesses do Império e o judaísmo oficial baseado na observância da Lei. Enfrenta também as pessoas que seguem Jesus e ainda estão vinculadas a esse judaísmo, legitimando as condições sociais de segregação e hostilidade contra os impuros e causando os conflitos nas comunidades. Diante disso, Paulo escreve cartas de orientação:

- a) *Pregar e praticar o evangelho de Jesus Cristo crucificado*: O verdadeiro evangelho é a própria pessoa de Jesus de Nazaré, que pregou e praticou a justiça e deu a sua vida na cruz, por puro amor ao próximo (Rm 5,8; Gl 1,2-5). A fé na cruz de Jesus é fonte de liberdade, de irmandade, de vida, porque é na cruz de Jesus de Nazaré que Deus Pai manifestou sua graça e seu amor primeiro e gratuito. Ser cristão, por isso, é viver no amor de Jesus Cristo crucificado, e não na escravidão do “dinheiro” nem da Lei.
- b) *Ter liberdade e igualdade em Jesus Cristo crucificado* (Gl 5,1): No Espírito (o poder do amor gratuito) de Jesus Cristo, a pessoa fica liberta de qualquer lei e de qualquer diferença que possa privilegiar a uns e marginalizar a outros. É ser livre do jugo da lei e da escravização do mundo, rompendo qualquer tipo de ritualismo e espiritualidade legalista, superando as barreiras socioeconômicas, toda forma de desigualdade e segregação étnica, de gênero e sexual, religiosa e cultural (Rm 10,12; 1Cor 12,12; Gl 3,28).

c) *Carregar o peso uns dos outros*: Nas comunidades gálatas, alguns membros, movidos pelo espírito da helenização, radicalizaram a liberdade e a transformaram em libertinagem carnal (instinto egoísta) e injustiça social. Diante da crise, Paulo insiste: a verdadeira liberdade cristã é o fruto do Espírito de Deus, que leva à vida de caridade, justiça, igualdade e fraternidade, sobretudo ao amor pelos outros (Gl 5,13-6,10).

No contexto do imperialismo romano e da religião legalista e ritualista do judaísmo oficial, Paulo pregou Jesus crucificado e ressuscitado, e ousou caminhar contra a corrente e com a proposta do amor gratuito e da justiça do “Servo sofredor”, o fundamento da Igreja servidora de hoje.

7. Os rostos de Jesus Cristo segundo os Evangelhos

Ao ler os relatos sobre a vida, palavra e prática de Jesus de Nazaré nos Evangelhos, não é difícil perceber uma longa história de redação, condicionada pelas diferentes realidades das comunidades. No seguimento de Jesus Cristo, cada comunidade recorda, reflete e interpreta Jesus histórico a partir de sua diferente realidade sociopolítica. Eis aqui os textos exclusivos de cada comunidade que apresentam a realidade humana de Jesus, sua palavra e sua prática, para formar a “Igreja” de fraternidade, comunhão e missão (At 2,1-13.42-47):

a) Jesus, o servo sofredor: “Se alguém quiser seguir após mim, negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e me siga. Pois quem quiser salvar a própria vida, a perderá. Mas quem perder a própria vida por causa de mim e do evangelho, a salvará” (Mc 8,34-35). A comunidade de

Mc, que é formada por pessoas exploradas pelo Império e oprimidas pela autoridade judaica, por volta do ano 70 d.C., retoma e reforça o messianismo de Jesus como servo sofredor (Is 42,1-9; Mc 14,36), diante do messianismo triunfalista com poder e violência (Mc 8,31-33). Seguir Jesus implica seguir o mesmo caminho, que é o da compaixão, da ternura e da solidariedade com os crucificados da história (cf. NAKANOSE; MARQUES, 2012, pp.71-89).

- b) Jesus Cristo, “Emanuel”: “Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro (forasteiro) e me acolheram, estava nu e me vestiram, estava doente e me visitaram, estava na cadeia e vieram me ver” (Mt 25,35-36). No tempo da comunidade de Mateus, por volta do ano 80 d.C., os judeus fariseus, autoridade judaica, com Deus castigador e seu messias triunfalista e ritualista, condenam quem não pode observar a lei da pureza e mal sobrevive no dia a dia: camponeses sem terra, desempregados, famintos, forasteiros, doentes etc (Mt 20,1-16). A comunidade de Mateus propõe uma inversão: proclama Deus Pai misericordioso e o messias servo com a prática do amor, da compaixão e da solidariedade, para buscar “Reino de Deus e sua justiça (Mt 6,33), porque Deus está conosco – Emanuel (Mt 1,23; cf. NAKANOSE; MARQUES, 2014, pp. 103-123).
- c) Jesus Cristo, Deus compassivo e misericordioso: “Ele ainda estava longe, quando seu pai o viu. Encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se ao pescoço dele e o beijou com ternura. (...) ‘Porque este meu filho estava morto e voltou a viver, estava perdido e foi encontrado’” (Lc 15,20.24). O evangelho de Lucas, escrito para as

comunidades localizadas em cidades grandes, com a presença de ricos e pobres (Lc 16,19-31), por volta do ano 90 d.C., insiste na misericórdia e na solidariedade com as pessoas empobrecidas à margem da sociedade, apresentando o rosto de um Deus compassivo e amoroso (cf. NAKANOSE; MARQUES, 2013, pp.101-138).

- d) Jesus Cristo, Deus Amor: “Da forma que meu Pai amou, eu também amei a vocês: permaneçam no meu amor. Se vocês guardarem os meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai e permaneço no amor dele” (Jo 15,9-10). No meio da perseguição do imperador Domiciano (81-96 d.C.), junto com os judeus fariseus (Jo 15,18-16,4), a comunidade de João apresenta o Deus Amor na face de Jesus Cristo, o “bom pastor” (Jo 10) e o “Senhor e Mestre do lava-pés” (Jo 13,1-15), oposto à imagem do imperador, aquele que exige ser adorado como deus, e à imagem do Senhor Deus poderoso e legalista das autoridades dos judeus fariseus (cf. NAKANOSE; MARQUES, 2015, pp.85-99). A comunidade joanina chega até a dizer: “Pois Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que não morra quem nele acredita, mas tenha vida eterna” (Jo 3,16).

Tudo isso testemunha que as comunidades cristãs por trás dos evangelhos sinóticos e o de João não separam o Cristo divino do Jesus da história. Não separam a fé no Cristo da vida prática que Jesus viveu! Elas combatem os dois principais dissidentes: os “legalistas” que pregam a salvação pela observância da lei da pureza, justificando a segregação nas comunidades; os “espirituais” que não acreditam na encarnação do Filho de Deus, nem praticam o mandamento do amor ao próximo (1Jo 4,1-3). São os

legalistas e os espirituais que também marcam a crise na Igreja de hoje e obstruem o projeto da Sinodalidade.

8. As comunidades cristãs, conflitos e orientações

Após a expulsão dos judeus cristãos das sinagogas por volta do ano 90 d.C., as comunidades cristãs começam a caminhar e fortalecer ainda mais sua identidade (Ser) e prática (Agir), assumindo seu hino batismal: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Diante dos conflitos provocados pelo “mundo” (o império romano e o judaísmo: cf. Jo 15,18-16,4), as comunidades cristãs orientam seus fieis na caminhada de igualdade, justiça e fraternidade:

- a) Admoestação aos ricos: “Vocês desprezaram o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês e os arrastam aos tribunais? Não são eles que blasfemam contra o Nome sublime que foi invocado sobre vocês. Se vocês, ao contrário, observarem a lei do Reino, segundo está escrito: ‘Ame seu próximo como a si mesmo’, estarão agindo bem” (Tg 2,6-8). Observando a situação de discriminação e opressão contra os pobres dentro e fora da comunidade (cf. Tg 4,13-5,6), o autor da carta orienta e exige a prática do mandamento do amor ao próximo, de forma coerente. A fé no amor de Jesus Cristo deve ser traduzida em atos concretos de misericórdia, solidariedade e justiça para com os descartados e excluídos do mundo de hoje onde o capitalismo selvagem e o imperialismo (totalitarismo) violento devoram o povo.

- b) Testemunho em meio à sociedade de discriminação e de homofobia: “Queridos, vocês são estrangeiros (forasteiros) e viajantes (migrantes). Recomendo que fiquem longe dos desejos sensuais, que fazem guerras contra o espírito. Comportem-se honradamente entre os pagãos, para que, mesmo falando eles mal de vocês como se fossem malfeitores, ao verem as boas obras de vocês, glorifiquem a Deus no dia da sua Visita” (1Pd 2,11-12). A primeira carta de Pedro, escrita na Ásia Menor, no tempo da perseguição do império romano e do judaísmo oficial, no final do século, descreve o grande número de estrangeiros e forasteiros, forçado a sair de suas terras por causa de guerras e empobrecimento, causados por ambição e sede de poder e lucro. Pelo batismo em Jesus Cristo, crucificado por causa da prática da justiça, as pessoas são chamadas a viver a acolhida mútua, a solidariedade e a igualdade no mundo hostil às diferenças sociais, culturais, religiosas, de gênero e de etnia. Nos últimos tempos, o racismo e a homofobia aumentaram muito. No dia 24 de janeiro de 2022, o jovem Kabahambe, congolês, foi brutalmente assassinado no Rio de Janeiro.
- c) *Sacerdócio santo*: “Aproximem-se do Senhor, a pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa diante de Deus. Do mesmo modo, vocês também entram como pedras vivas na construção de uma casa espiritual e formam um sacerdócio santo, que oferece sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por meio de Jesus Cristo” (1Pd 2,4-5). Pelo batismo, todos e todas, “pedras vivas”, devem construir uma “casa espiritual” e participar do sacerdócio de Cristo para louvar, celebrar, abençoar, anunciar a Palavra do Deus da Vida.

Infelizmente, "o clericalismo é uma perversão da Igreja", lamenta Papa Francisco hoje (ERPEN, 2018). Devemos promover e realizar os vários serviços existentes na comunidade e na missão, com o senso de igualdade, de corresponsabilidade, de comunhão, de participação, pois toda pessoa batizada tem a dignidade de caminhar e florescer o Povo de Deus em Cristo Jesus. É fundamental, por exemplo, pensar os ministérios das mulheres nas estruturas hierárquicas atuais da Igreja (cf. Jo 20,11-18; Rm 16,1-16).

- d) Amor ao próximo com obras e na verdade: "Todo aquele que odeia seu irmão é homicida, e vocês sabem que nenhum homicida tem a vida eterna dentro de si. É nisto que conhecemos o que é o amor (*agape*): Porque Jesus entregou sua vida por nós; portanto, também nós devemos entregar a vida pelos irmãos. Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração? Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e na verdade" (1Jo 3,15-18). A primeira carta de João é escrita em Éfeso, no início do século II, para as comunidades joaninas que estão enfrentando os dissidentes "espirituais". Eles separam a fé em Cristo da vida prática e não vivem como Jesus Cristo encarnado, que viveu amando e servindo ao próximo (cf. NAKANOSE; MARQUES, 2019, p.71-110). O amor ao próximo na verdade é tudo o que esperamos das comunidades cristãs de hoje, sobretudo no Brasil, que já soma 14 milhões de miseráveis que sobrevivem com 145 reais mensais, e entre esses, 4,5 milhões de pessoas desalentadas, mulheres e homens que vivem sem esperança alguma.

Uma palavra final

Quase dois mil anos se passaram, mas o imperialismo continua encarnando em muitas “feras” (cf. Ap 6.1-8; 13,11-18), devorando pessoas inocentes e destruindo a “Casa Comum” pelas guerras, por uma economia selvagem, por ditaduras brutais, por trabalho escravo ou semiescravo, fomes, violências, homofobia, guerras. Até as igrejas, com seu Cristo triunfalista, legalista, ritualista e fundamentalista, tornam-se lugares de conservar, justificar e reproduzir as feras do presente. Tomara que o próximo sínodo oriente e promova a igualdade, justiça e fraternidade dentro e fora da Igreja, vendo, escutando, sentindo, denunciando a realidade dos corpos esmagados das pessoas e da natureza: “Nunca é tarde demais para se converter, mas é urgente, é agora! Começemos hoje!” (Papa Francisco).

Referências bibliográficas

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. 18 nov. 1965. Disponível em:

<https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html > Acesso em 25 jul. 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. 07 dez. 1965). Disponível em:

<https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documen

ts/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html > Acesso em 25 jul. 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. 21 nov. 1964. Disponível em:

<https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html> Acesso em 24 jul. 2022.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO. *Discurso na Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*. Vaticano, 17 out. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html> Acesso em 25 jul. 2011.

ERPEN, Jackson. Papa: clericalismo é uma perversão da Igreja. *Vatican News*, Cidade do Vaticano, 13 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francisco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>> Acesso em 26 jul. 2022.

NAKANOSE, Shigeyuki. MARQUES, Maria Antônia (Centro Bíblico Verbo). *No caminho de Jesus: Entendendo o evangelho de Marcos*, São Paulo: Paulus, 2012.

_____. *Caminho aberto para o próximo: Entendendo o evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Deus conosco: O messias da justiça e da misericórdia: Entendendo o evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. *Permanecer no meu amor para dar muitos frutos (15,8-9): Entendendo o Evangelho de João*. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. *Defesa da família: casa e terra: Entendendo o livro de Miqueias*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. *A Sabedoria do ser humano (Sb 1,6): Caminho para a justiça e a vida*. Entendendo o livro da Sabedoria. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. *Jesus Cristo na carne é de Deus (1Jo 4,2): Entendendo a primeira carta de João*: São Paulo: Paulus, 2019.

_____. *O evangelho de Jesus Cristo crucificado: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1): Entendendo a carta aos Gálatas*. São Paulo: Paulus, 2021.

_____. *Terra de Deus, terra de irmãos?: Entendendo o livro de Josué*. São Paulo: Paulus, 2022.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus. 2015.

PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 1994.

VADEMECUM para o Sínodo sobre a Sinodalidade. *Via della Conciliazione* 34, Cidade do Vaticano, Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 07 set. 2021.

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, p.78-102.